

SIGNIFICADOS DA MASCULINIDADE EM GRUPOS DE AJUDA MÚTUA PARA FAMILIARES DE ALCOÓLATRAS NO MÉXICO

MEANINGS OF MASCULINITY IN MUTUAL HELP GROUPS FOR FAMILIES OF ALCOHOLICS IN MEXICO

**DR. FERNANDO ZARCO
HERNÁNDEZ**

*Bolsista de pós-doutorado
CONACYT, Universidade de
Guanajuato.
fernandozarco@gmail.com*

RESUMO: Este artigo pretende dar conta das transformações que acontecem nos significados de masculinidade em homens que frequentam grupos de ajuda mútua para familiares de alcoólatras, e das repercussões que tais transformações geram na dinâmica familiar. Através de entrevistas semiestruturadas, os participantes compartilham sensações de vulnerabilidade, intimidade e emotividade que experimentaram graças à sua participação nos grupos de ajuda mútua, e as transformações que realizaram em relação aos preconceitos sociais sobre ser homem. Os significados hegemônicos da masculinidade constituem um pilar na construção da noção tradicional de família. Uma revisão crítica desses significados permite dar visibilidade às suas múltiplas contradições e ambiguidades. O alcoolismo na família se transforma, desta maneira, em uma oportunidade para ressignificar as concepções tradicionais de família e masculinidade, que se transformam em maneiras mais criativas e livres da existência.

PALAVRAS-CHAVE: masculinidade, família, alcoolismo, grupos de ajuda mútua

ABSTRACT: This article aims to account for the changes that occur in the meanings of masculinity in men attending mutual help groups for families of alcoholics, and the implications these changes have in their family dynamics. Through semi-structured interviews, participants share feelings of vulnerability, intimacy and emotivity they have experienced resulting of their participation in mutual help groups, and the changes that have been made in connection with social prejudices about being a man. Hegemonic meanings of masculinity are a pillar in the traditional notion of family's construction. A critical review of these meanings all to watch multiple contradictions and ambiguities. Thus, alcoholism in the family becomes an opportunity to transform traditional conceptions about family and masculinity, which means creative ways of existence and liberty.

KEYWORDS: masculinity, family, alcoholism, mutual help groups.

INTRODUÇÃO

O objetivo deste artigo é analisar a construção da subjetividade masculina em homens membros dos grupos Al-Anon e Alateen, associação civil sem fins lucrativos que funciona com uma dinâmica de ajuda mútua. Os participantes das reuniões desses grupos compartilham um problema em comum: familiares com problemas com a bebida. Nesses grupos, essas pessoas modificam a concepção que têm de si mesmas e de seus relacionamentos sociais, entre os quais se encontra seu relacionamento com a família.

Em nossa sociedade, aceita-se melhor o alcoolismo em homens, já que é algo associado ao masculino, enquanto o feminino é associado à companheira do alcoólatra. Portanto, tolera-se melhor um homem do que uma mulher alcoólatra.

Recebido: 21-07-2015
Aceito: 09-09-2015

No entanto, o que acontece quando tais papéis se invertem? O que acontece quando é o homem quem vive as consequências de ter um familiar alcoólatra? Ou seja, quando o homem é co-viciado e co-dependente. Se o homem é tradicionalmente associado a um papel ativo e dominante, e a mulher a um papel passivo, submisso e abnegado, o que acontece quando tais categorias e definições não são suficientes para dar conta do complexo mundo dos gêneros? Será que isso, além de todas as circunstâncias anteriores, não representa um meio singular para analisar a masculinidade sob contextos distintos às condições do discurso homogêneo das relações de gênero?

O paradigma utilizado para responder às questões levantadas por esta pesquisa é o socioconstrucionismo, um paradigma ontológico e epistemológico que nutre a psicologia social para dar conta da maneira como se constrói a realidade social. Tal paradigma concebe a realidade como algo construído socialmente através do discurso; e esta realidade abarca, obviamente, os conceitos que intervêm na pesquisa, como diferença sexual, identidade de gênero e masculinidade, para mencionar apenas alguns.

Tradicionalmente, o sexo é considerado natural, e o gênero é considerado social. Além disso, o gênero está baseado no sexo. Se considerarmos que o sexo é uma construção social, então o gênero é uma construção social feita em cima de outra construção social (Butler, 1996, 1999). Enxergá-lo de outra maneira implica reificar identidades essencialistas que buscam ser emancipadas para chegar à verdadeira e autêntica persona que se encontra oprimida pelas relações de poder e dominação (Cabruja, 1998). Além do mais, isso reforça uma série de mitos sobre a masculinidade.

Se considerarmos que a realidade é uma construção social e que sua ferramenta de construção é a linguagem, as identidades de gênero formam parte dessa realidade, e portanto também são construídas simbolicamente e significadas através do discurso. O que acabo de dizer permite supor que não existe um único discurso do masculino e do ser homem, mas sim uma pluralidade discursiva de identidades emergentes que questionam o lugar do poder do masculino e da sociedade patriarcal.

A masculinidade é um tema de atual interesse graças à importância da perspectiva de gênero (Bourdieu, 2003; Castañeda, 2002; Seidler, 2000). A construção da masculinidade é um tema repleto de contradições e ambiguidades, o que foi obviado em um esforço de homogeneização da subjetividade masculina. Nossa postura é que é preciso investigar aspectos do gênero que foram descuidados, omitidos, considerados óbvios para alcançar um conhecimento mais amplo da construção social da diferença sexual, do gênero e da masculinidade. A construção social da diferença sexual fundamentou inúmeros estudos e pesquisas que foram chamados estudos de gênero. No entanto, em grande medida, o gênero é um conceito atribuído unicamente ao feminino, e os estudos do feminino seguiram nessa direção, com o masculino pouco sendo abordado por eles (Braidotti, 2000; Lamas, 2002).

O machismo, que supõe uma mútua exclusão entre o masculino e o feminino, atribui ao primeiro uma dominação sobre o segundo (Castañeda, 2002), e foi construído através do discurso apoiado nos estudos sobre gênero. No entanto, qualquer outra concepção da masculinidade foi negada ou esquecida. Tais masculinidades periféricas, que coexistem no modelo

dominante, foram pouco exploradas. Por isso a intenção deste trabalho é resgatar a construção dos discursos que reconfiguram noções sobre masculinidades. Considero que os homens que frequentam os grupos de ajuda mútua Al-Anon poderiam enunciar discursos alternativos ao patriarcal, pois suas circunstâncias de vida exigem que eles rompam esquemas delimitados pelo machismo e pela dominação masculina, já que se veem com a necessidade de pedir ajuda a outras pessoas, mostrando-se vulneráveis emocionalmente, admitindo que não têm domínio sobre os outros, e identificando e expressando seus próprios sentimentos.

Se considerarmos que a masculinidade mantém um vínculo estreito com os papéis familiares tradicionais, esta pesquisa compartilha a transformação de significados da masculinidade em homens que frequentam grupos de ajuda mútua, com as consequentes implicações nos significados de família.

METODOLOGIA

A metodologia, na perspectiva construcionista, não nos proporciona um reflexo da natureza, mas do que tomamos como real em uma comunidade em particular, já que a verdade está no interior de uma tradição que conta com seus próprios valores e suposições; no entanto, isso não significa que se deve abandonar os métodos de pesquisa tradicionais, pois eles podem servir para propósitos particulares dentro de uma tradição determinada (Gergen e Gergen, 2004).

No caso da masculinidade, tema de estudo que nos ocupa, Seidler (2000) adverte que um estudo desse tipo produzirá sua própria metodologia, que nem sempre coincidirá com a teoria

feminista nem pode ser julgada de acordo com os critérios do feminismo, embora tenham pontos convergentes.

Os participantes desta pesquisa são quatro homens que formam parte de grupos de ajuda mútua para familiares de alcoólatras; o que é um número considerável, pois não existem muitos homens no grupo. Entre eles, existem fatores como o tempo que pertencem ao grupo, a procedência, a idade e o parentesco com o alcoólatra. Através de entrevistas abertas, com o consentimento dos participantes, identificamos e reconstruímos os discursos enunciados por estes homens, para depois analisá-los em função das incógnitas que suscitam esta pesquisa.

De acordo com Alonso (1999), a entrevista pretende reunir saberes através de uma conversa entre o entrevistador e o informante. O entrevistador dirige e registra essa conversa para produzir um discurso contínuo, não fragmentado nem segmentado como no caso dos questionários sobre o tema da pesquisa. Desta maneira, esta ferramenta não explora a realidade social, e sim, serve para entrar no espaço comunicativo dessa realidade, utilizando a linguagem como veículo.

Para efeitos de análise de discurso, Potter e Wetherell (1989) enfatizam as vantagens da entrevista, já que ela tem a virtude de permitir ao investigador uma intervenção ativa para questionar, de maneira deliberada, diferentes pessoas sobre os mesmos tópicos e obter, deste modo, uma gama muito ampla de respostas. Para esses autores não existe um método tradicional de análise do discurso, mas um sistema de referências sobre o papel do discurso na vida social, junto a uma série de sugestões para sua análise.

Nesse sentido, Parker (1996) propõe alguns passos para analisar o discurso, baseado em que o mundo social é um

sistema de textos que o pesquisador pode ler:

1. Pôr o texto em linguagem escrita.
2. Associar-se livremente com o texto.
3. Detalhar, de maneira sistemática, os “objetos” que aparecem no mesmo.
4. Aludir a essas formas de fala como objetos de estudo ou discursos.
5. Identificar os discursos que as mantêm agrupadas.
6. Detalhar, de maneira sistemática, os “sujeitos” e reconstruir o que cada pessoa deve dizer dentro do sistema de regras propostas pelo texto.
7. Identificar as distintas versões dos mundos sociais que coexistem no texto.
8. Especular sobre o modo como cada um desses padrões atende às objeções de tais instruções e às regras culturais por elas encobertas.
9. Identificar os contrastes entre as várias formas de fala.
10. Identificar as ocasiões em que essas formas se solapam.
11. Fazer comparações com outros textos para avaliar a maneira como esta fala se dirige a distintas audiências.
12. Escolher a terminologia adequada para nomear os discursos e assim organizar a leitura de um texto.
13. Estudar onde e quando aparecem tais discursos.
14. Descrever a maneira como operam “naturalizando” aquilo a que se referem, em outras palavras, como “definem os objetos sobre os quais falam” de forma que não faça sentido questionar sua existência.

15. Examinar a função dos discursos na reprodução das instituições.
16. Explorar os discursos que subvertem tais instituições.
17. Analisar aqueles que se beneficiam desses discursos e os que sofrem.
18. Considerar os que apóiam e desacreditam estas formas de fala.
19. Mostrar como se vinculam a outros discursos desejosos de poder.
20. Mostrar como reproduzem ou desafiam concepções dominantes, bem como o que podem mudar ou as possibilidades que brindam.

Tais passos serviram como guia de sugestões flexíveis, enriquecidas com as propostas de outros autores, como Potter e Wetherell (1989), no sentido de encontrar padrões de diferenças e características compartilhadas entre os discursos dos informantes. Dessa maneira, a análise das entrevistas não se vê limitada a uma única versão, mas permite ser um espaço aberto a diversas posturas, gerando um resultado pluridiscursivo.

Os significados da masculinidade no discurso dos participantes

Os vários discursos encontrados nas entrevistas servem para organizar sua leitura e discussão, tendo em conta a maneira como se relacionam entre si. E tais discursos são:

Discurso médico: “O alcoolismo é uma doença.” A versão do mundo construída sobre as noções de saúde e doença através do discurso médico proporciona um importante sistema de referências para os atores sociais,

dado que são familiares de uma pessoa que, de acordo com discurso médico, sofre de alcoolismo.

Discurso psicológico: “As pessoas estão cheias de complexos.” A individualização dos problemas sociais é legitimada pelo discurso psicologista, ditado pela psicologia clínica, e este discurso constrói padecimentos na mente do indivíduo.

Discurso familiar: “A qualidade de vida é ínfima na casa de um alcoólatra.” O discurso familiar legitima a construção de uma sociedade que tem como finalidade ser harmônica e homogênea, composta por núcleos de pessoas com papéis e tarefas específicos, com uma estrutura naturalizada e normalizada; nestes núcleos chamados famílias se deposita, em grande medida, a responsabilidade pela perpetuação da harmonia social.

Discurso biológico: “A mulher nos carrega no ventre.” A diferença sexual é legitimada através de um discurso baseado nas premissas da biologia como sustento das diferenças naturalizadas entre homens e mulheres. Dessa maneira, utiliza-se a noção de diferença para justificar uma versão dicotômica do mundo homem/mulher.

Discurso cultural: “É uma problemática cultural.” A divisão do mundo entre homens e mulheres, em categorias diferenciadas, também é legitimada por um discurso que atribui à “cultura”, entendida como algo perene e estático, a modelação dos significados de masculinidade e feminilidade com base na diferença que normaliza as condutas dos seres humanos.

Discurso racionalista: “As mulheres são mais emocionais e nós mais racionais.” A dicotomia homem/mulher é equiparada à dicotomia razão/emoção. De tal maneira que se atribui ao homem a predominância da razão e à mulher da emoção. Entre tais dualida-

des se manifestam algumas implicações, como a ideia da impossibilidade do homem na hora de buscar ajuda.

Discurso da igualdade: “Somos seres humanos iguais às mulheres.” Igualar mulheres e homens como seres com os mesmos direitos em um sentido humanista é o objetivo deste discurso.

Discurso da resistência à masculinidade homogênea: “Quando um ser humano do sexo masculino se mostra vulnerável ele é mais forte.” Frente aos discursos que legitimam a masculinidade como uma condição estática existe um discurso que denuncia os limitados significados tradicionais do masculino e que resiste às suas práticas homogêneas.

Como os participantes desta pesquisa são homens que se identificam como familiares de pessoas que têm problemas com bebida, através de discursos baseados na medicina e na família, legitimam-se identidades fundamentadas nas noções de doença e parentesco. Tal combinação de discursos deposita na família uma homogeneização que visa a manutenção de um estado harmônico, entendendo por harmonia um equilíbrio e a perpetuação da engrenagem social, o que se consegue construindo e naturalizando papéis no contexto familiar, com base na família “saudável” ou “funcional”, e com “claros padrões de conduta” legitimados pelos discursos psicologistas. Os atores sociais desta pesquisa assumem que, em suas famílias, tais padrões ideais não se concretizam e são transgredidos graças à irrupção do alcoolismo.

Tais padrões incluem papéis de gênero, o que se espera de uma pessoa em função do seu sexo, dentro de uma versão do mundo dicotomizada pela diferença sexual. O discurso familiar define a distribuição e a hierarquiza-

ção dos papéis no interior da organização da família, para garantir o alcance dos objetivos e funções ditadas por um discurso homogêneo. Como tais papéis legitimizados como tradicionais não são assumidos por quem deveria fazê-lo, gera-se uma inconformidade ao não cumprir-se o socialmente esperado, e por isso são buscadas estratégias para que a família funcione corretamente.

O participante há tempos no grupo, um homem de 59 anos, disse:

Eu sou filho de alcoólatra. Meu pai era alcoólatra (...) a qualidade de vida é ínfima no lar de um alcoólatra. Quando somos crianças a única coisa que devemos fazer é sobreviver, pois não sabemos mais o que fazer. Quando criança, eu vivia cheio de medo e vergonha, e além disso a vida era ambivalente; quando criança, eu não enxergava, mas hoje posso ver que era assim: te amo, te odeio, corre, seu pai está bêbado, vá buscar o seu pai, odeie o seu pai, volta; naquela época havia um conjunto de situações sobre as quais você não sabia o que pensar, e isso nos perturba, pois não existem padrões claros de conduta (...) a sua mãe é a forte, seu pai está bêbado, ausente, então não existe um padrão de conduta claro, e além disso o que vemos é a agressividade e a passividade do seu pai em relação à sua mãe. Sua mãe é que resolve tudo, e seu pai é quem tem toda a autoridade, mas não a responsabilidade, pois está bêbado, e sua mãe assume toda a responsabilidade, mas não tem a autoridade, então se confundem todos os padrões de conduta saudáveis. (...) então a carga se multiplica, pois sua mãe, conforme você começa a crescer, se apoia em você e o transforma no

homenzinho da casa; no meu caso, e no caso de muitos que conheço, a minha mãe me transformou em seu marido mais novo, no filho-esposo, uma situação muito grave, e me entregou cargas de responsabilidade que não me correspondiam, e meu desenvolvimento natural como homem foi perdido por ser filho de um alcoólatra, e eu tive que sair, ainda criança, para conseguir o dinheiro que necessitávamos, pois o meu pai gastava tudo em álcool e nós não podíamos morrer de fome. (...) Então a carga do filho de um alcoólatra é tremenda, desde criança, e como homem você precisa trabalhar, tem que dar o bom exemplo, não pode decepcionar em casa, tem que obedecer sempre, certo? E tem também que se rebelar, pois não pode permitir que seu pai bata na sua mãe, pois você é o seu defensor; então é como uma transferência de papéis, ou uma sobreposição de papéis, e você não é o filho, nem é o marido, nem é o pai, mas é tudo isso ao mesmo tempo, e isso te deixa enormemente desconcentrado.

Assim como ele, os participantes desta pesquisa consideram que, nas suas famílias, os papéis concebidos como “normais” não se cumpriam devido à irrupção do alcoolismo em algum membro. Os significados relacionados com o sistema dicotômico sexo-genérico estão presentes na descrição da dinâmica familiar, tanto na sobreposição de padrões atribuídos à normalidade quanto nas estratégias que os membros da família levam a cabo para pôr fim aos problemas oriundos do alcoolismo.

A masculinidade está ligada à construção da diferença sexo-genérica. Tal diferença é legitimada através de vários tipos de discursos, tanto biológi-

cos como culturais, que naturalizam e legitimam as diferenças baseadas no sistema sexo-gênero.

Os participantes desta pesquisa compreendem a masculinidade como uma série de normas que acompanham o homem em um processo evolutivo de crescimento e que determinam o que deve ser feito, o que é permitido e o que é proibido, ao serem interpelados sobre os significados tradicionais de ser homem.

Sua participação nos grupos de ajuda mútua é referida em função das mudanças que surgiram em suas vidas, e algumas dessas mudanças estão relacionadas com os significados de ser homem. O participante citado anteriormente nos conta:

Geralmente, nós homens nos impedimos a exposição dos sentimentos, no entanto, a sensibilização que ocorre no interior de um grupo Al-Anon permite que nossos sentimentos floresçam. Eu posso conversar com as pessoas de maneira muito amigável e imediata, e antes não podia fazer isso. Eu falava aqui com você, mas ficava rígido, e agora posso me aproximar. (...) E hoje noto o medo extremo que nós homens sentimos da concorrência e da vulnerabilidade, e descobri que, com o programa Al-Anon, deixei de competir, deixei de ser um machão, e me mostro vulnerável. Eu tinha ódio, hoje tenho amor. Eu tinha solidão, hoje tenho companhia e amigos em muitos lugares. Eu não sabia me relacionar, hoje entro em contato com qualquer pessoa e faço contatos imediatos, às vezes íntimos. (...) Nós, homens da Al-Anon, descobrimos que vale a pena sentir, descobrimos que podemos falar do que está acontecendo em nossas vidas. Então, as coisas

que estavam proibidas por sermos homens começam a florescer, e nós nos damos conta de que não nos destruímos e de que falar de nossos sentimentos e pensamentos não diminui nossa masculinidade, embora nos seja mais trabalhoso; e quando conseguimos nos soltamos e ficamos muito sensíveis, e ficamos... ficamos mais... tranquilos em nossas vidas, como se... como se nos distendêssemos e dissêssemos uau!, não aconteceu nada disso que, culturalmente falando, me disseram que aconteceria, mas não aconteceu comigo. Vale a pena pensar, vale sentir, vale expor o que penso e sinto. (...) Eu penso que a sensibilização de um homem custa um pouco mais de tempo, mas quando é alcançada é muito mais eloquente, e é muito impactante ver um homem chorar, o que não impacta apenas as mulheres, mas também a nós, homens; no entanto, eu estou tão acostumado a chorar e ver chorar que digo uau!, quando antes não chorava ou chorava de raiva, mas não de sensibilização, mas o grupo nos predispõe a isso, e mais cedo ou mais tarde, se frequentamos e seguimos o programa, afloram nossos sentimentos, pensamentos, podemos tocar os demais, eles podem nos tocar, podemos beijar, podemos expor o que queremos, podemos viver, podemos rir e desfrutar, podemos gargalhar.

Os demais homens também afirmam que sua participação nos grupos de ajuda mútua permitiu que eles modificassem algumas crenças e condutas em relação à sua família, condutas que incidem em sua forma de conceber e viver a masculinidade. As diferenças existentes estão relacionadas à variedade de contextos socioculturais e às

características pessoais dos participantes. Um homem de setenta anos, marido de uma alcoólatra, nos disse:

(...) eu, de certa maneira, muitas vezes com maus modos, com mau caráter, com insultos, com... de maneira agressiva, pretendia que ela deixasse de beber, e o que acontecia era o contrário, foi contraproducente para mim.

Por outro lado, um jovem de quinze anos, filho de um alcoólatra, nos falou sobre o desempenho das tarefas domésticas na sua casa:

(...) algumas vezes meus amigos me dizem que sou um covarde, mas eu lhes digo que sendo homem também posso varrer, passar pano de chão e lavar a louça.

Devemos destacar que as mudanças experimentadas pelos participantes não implicam necessariamente uma transformação de sua masculinidade, embora possam levar a isso. O participante com menos tempo no grupo, um homem de 54 anos, pai de um alcoólatra, refere-se desta maneira à primeira reunião de que participou:

(...) senti que extravasei o que carregava dentro, mas só deixei escapar umas lágrimas na primeira vez, nunca mais, e por quê? por conta da confiança que senti no grupo; mas na primeira vez eu me senti muito mal, no momento que deveria expor meu tema, aliás, eu nem consegui falar.

DISCUSSÃO

Os discursos revisados neste trabalho e as realidades que os legitimam

permitem visualizar as contradições e fragmentações da masculinidade. A intercessão destes discursos e versões do mundo produz novos objetos; o discurso familiar e aqueles que legitimam a dicotomia homem/mulher dão origem a relações e papéis familiares em função do sexo e do gênero; por último, a interseção da dicotomia saúde/doença com a dicotomia homem/mulher produz enfermidades cujo acesso à saúde é condicionado por uma visão sexualizada da saúde e da doença.

Por sua vez, estes objetos e discursos favorecem a reprodução de instituições, no caso as relacionadas com a saúde pública, com a conservação e a preservação da família “saudável”, com o tratamento do alcoolismo e seus efeitos na família, com as políticas públicas baseadas na diferença sexual e de gênero, para mencionar algumas.

As noções culturais e naturalizadas do sistema sexo-gênero geram intercessões com outras dualidades, como alcoolismo/codependência, em uma construção que atribui ao homem o vício e à mulher a codependência, ou vício passivo, embora não fique claro porque esta última flui em apenas um sentido, não em ambos. Talvez pela ideia patriarcal generalizada, que postula que a mulher é quem depende do homem, e por isso uma ideia inversa ou um sentido bidirecional não é compatível com o socialmente adequado.

Nesta lógica, o homem é o mais propenso a ser alcoólatra e a mulher a depender dele, insidiosa manifestação de uma diferença legitimada e fortemente arraigada que se reafirma através de diversos discursos. Tudo isso são derivações da polarização do mundo em categorias dicotomicamente diferenciadas e embaladas por uma concepção vertical do poder que

constroem identidades essencialistas, generalizadas e naturalizadas.

Ao considerar a diferença sexual para construir esse tipo de identidades, as instituições reproduzem e viram cúmplices do sistema patriarcal, pois a realidade de gênero é mais complexa que uma visão de dominados/dominadores. Os homens exercem práticas de resistência ao patriarcado, mas tais práticas se tornam invisíveis tanto pelo sistema androcêntrico quanto pelos discursos que o criticam (Nuñez, 2001).

É assim que se criam normas que tornam invisíveis certas práticas que não se encaixam em seus preceitos. Enfatizá-las diminuiria o poder dos discursos, instituições e ideologias que as construíram. Neste sentido, convém reconhecer que a masculinidade é plural, histórica e socialmente construída.

CONCLUSÕES

Se questionarmos a masculinidade como algo dado, essencial ou natural, e a localizarmos em um contexto sócio-histórico no qual se brinda ao homem certas ferramentas distintivas da sua “identidade de gênero”, que em vez ajudá-lo o limitam, será que poderíamos nos perguntar por que, mesmo ineficazes, elas continuam sendo construídas? Tais ferramentas inúteis e ilusórias servem unicamente para perpetuar a identidade masculina (Gutmann, 1994, 1996, 1997, 2002); e embora tal identidade seja uma falácia, uma construção “naturalizada”, não se pode escapar dela, apesar das múltiplas artimanhas utilizadas para tentá-lo.

Não pretendemos implicar que coisas como a violência, a discriminação, o abuso e demais objetos relacionados com a perspectiva de gênero sejam fal-

sas, mas sim analisar como são construídas tais perspectivas, e com que finalidade, ou seja, trazer à luz os discursos que as constroem, bem como as relações de poder e dominação que exercem.

O mesmo se aplica às noções de alcoolismo e de alcoolismo passivo como dispositivos que configuram uma determinada ordem social. Tais noções são adotadas pelos atores sociais desta pesquisa com artimanhas de aceitação de si mesmo e autogoverno, chamados também de tecnologias do eu (Rose, 1996). Desta forma, os sujeitos não resistem ao discurso médico nem escapam dele, mas o transcendem, adotando o saber por ele proporcionado para depois ressignificar a si mesmos, em uma operação que pode ser descrita com a frase “se não puder vencer o inimigo, junte-se a ele”. E de alguma maneira, sabendo serem diferentes do ideal de pessoa saudável por conta de sua “disfuncionalidade” familiar, isso permite que estes homens sejam mais criativos na concepção da masculinidade. Talvez a confusão que eles dizem ser o resultado de não terem uma família “saudável”, nas quais existam papéis “normais” e “padrões de conduta claros”, é o que deu aos participantes a oportunidade de subverter, de certo modo, a ordem do mundo. Sendo assim, o preço que têm de pagar por ressignificar-se é assumir-se como doentes. Aliás, a sensação de ser afortunado por ter um familiar alcoólatra é uma ideia comum entre os membros mais antigos do grupo de ajuda mútua ao qual pertencem esses atores.

A melhor alternativa talvez seja a utilizada pelos participantes desta pesquisa frente ao problema que todos têm em comum: admitir sua condição paradoxal e criar novas formas de ser homem ou, muito melhor, novas formas de ser pessoa.

REFERÊNCIAS

- Alonso, L.** (1999). Sujeto y discurso: el lugar de le entrevista abierta en las prácticas de la sociología cualitativa. In: J. Delgado, & J. Gutiérrez. (coord.) *Métodos y técnicas cualitativas de investigación en ciencias sociales*. Madri: Síntesis.
- Bourdieu, P.** (2003). *La dominación masculina*. Barcelona: Anagrama.
- Braidotti, R.** (2000). *Sujetos nómades*. Argentina: Paidós.
- Butler, J.** (1996). Variaciones sobre sexo y género: Beauvoir, Wittig y Foucault. In: Lamas, M. (comp.) *El género. La construcción social de la diferencia sexual*. México: Pueg, Porrúa.
- Butler, J.** (1999). *El género en disputa*. Buenos Aires: Paidós.
- Cabruja, T.** (1998). *Psicología social crítica y posmodernidad: Implicaciones para las identidades construidas bajo la racionalidad moderna*. Barcelona: Anthropos, 177, 49-58.
- Castañeda, M.** (2002). *El machismo invisible*. México: Grijalbo.
- Gergen, K., Gergen, M.** (2004). *Social construction: entering the dialogue*. Ohio: Taos Institute.
- Gutmann, M.** (1994). Los hijos de Lewis: la sensibilidad antropológica y el caso de los pobres machos. *Alteridades*, 4 (7), 9-19.
- Gutmann, M.** (1996). *The meanings of macho. Being a man in Mexico City*. Berkeley: University of California Press.
- Gutmann, M.** (1997). Los verdaderos machos mexicanos nacen para morir. In: T. Valdés, & J. Olavarría. (eds.) *Masculinidad/es. Poder y crisis*. Chile: Isis/FLACSO.
- Gutmann, M.** (2002) *Las mujeres y la negociación de la masculinidad*. México: Nueva antropología, septiembre, 61(XVIII), 99-116.
- Lamas, M.** (2002). *Cuerpo: Diferencia sexual y género*. México: Taurus.
- Núñez, G.** (2001). Reconociendo los placeres, deconstruyendo las identidades. *Desacatos. Revista de Antropología Social*. Primavera/verão. México: CIESAS.
- Parker, I.** (1996). Discurso, cultura y poder en la vida cotidiana. In: A. Gordo, J. Linaza. (comps.). *Psicologías, discursos y poder (PDP)*. Madri: Visor.
- Potter, J., Wetherell, M.** (1989). *Discourse and social psychology*. Londres: SAGE
- Rose, N.** (1996). Identidad, genealogía, historia. In: S. Hall, & P. du Gay. (comps) (2003). *Cuestiones de identidad cultural*. Buenos Aires: Amorrortu. pp. 214-250.
- Seidler, V.** (2000). *La sinrazón masculina*. México: Pueg.